

# RESSALVA

Atendendo solicitação do(a) autor(a), o texto completo desta dissertação será disponibilizado somente a partir de 02/08/2019

**MAYARA APARECIDA BONORA FREIRE**

**NOTAS CARTOGRÁFICAS SOBRE O PROCESSO DE IMPLANTAÇÃO  
DE UM CAPS AD:  
Do plano das leis ao plano dos afetos**

**ASSIS  
2018**

**MAYARA APARECIDA BONORA FREIRE**

**NOTAS CARTOGRÁFICAS SOBRE O PROCESSO DE IMPLANTAÇÃO  
DE UM CAPS AD:  
Do plano das leis ao plano dos afetos**

Dissertação apresentada à Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis, para a obtenção do título de mestra em Psicologia (Área de Conhecimento: Psicologia e Sociedade).

Orientador: Prof. Dr. Silvio Yasui

Bolsista: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES)

**ASSIS**

**2018**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Biblioteca da F.C.L. – Assis – Unesp

Freire, Mayara Aparecida Bonora

F866n      Notas cartográficas sobre o processo de implantação de um  
CAPS ad: do plano das leis ao plano dos afetos / Mayara  
Aparecida Bonora Freire. Assis, 2018.

101 f. : il.

Dissertação de Mestrado – Universidade Estadual Paulista  
(UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis

Orientador: Dr. Silvio Yasui

1. Álcool. 2. Drogas. 3. Drogas - Cartografia. 4. Políticas  
públicas. I. Título.

CDD 344.042

Mayara Aparecida Bonora Freire

**NOTAS CARTOGRÁFICAS SOBRE O PROCESSO DE  
IMPLANTAÇÃO DE UM CAPS AD: Do plano das leis ao plano  
dos afetos**

Dissertação apresentada à Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis, para a obtenção do título de Mestrado Acadêmico em PSICOLOGIA (Área de Conhecimento: PSICOLOGIA E VIDA SOCIAL)

Data da Aprovação: 02/02/2018

**COMISSÃO EXAMINADORA**

Presidente: Prof. Dr. Silvio Yasui - UNESP/ASSIS

Membros: Profa. Dra. Simone Mainieri Paulon - UFRGS/POROTO ALEGRE

Profa. Dra. Elizabeth Maria Freire de Araújo Lima - UNESP/ASSIS

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente - e ainda: Fora Temer! Fora Quirino!

Permito-me, neste espaço, a ultrapassar os cumprimentos formais e ser grata a todas(os) aquelas(es) que fizeram parte desta navegação: algumas(ns) como marinheiras(os), outras(os) como apoios e guias em terra firme. Nenhuma embarcação navega sozinha!

À minha mãe, Cleuza, pelo afago sempre pronto e, sobretudo, pelo esforço incansável em compreender os percursos de uma filha que decidiu “fazer diferente”. Seu amor cotidiano e seu cuidado incondicional me permitiram crescer e sentir-me livre. Ao meu pai (*in memoriam*), pela teimosia e pelo espírito transgressor. Grata pelo cuidado enquanto foi possível! Ao meu irmão, Fabrício, por me ensinar, desde sempre, a lutar e a sonhar alto. Obrigada por ampliar o meu olhar! À vó Nair, pela sabedoria e simplicidade tão preciosas.

À Cristina, sogrinha, e ao Pedrinho, meu cunhado, pelo apoio sempre carinhoso e irreverente.

Ao Luca Toni, à Tulipa e à Cacau, meus três amores de patas, pelos olhares compreensivos, pela companhia (nem sempre) silenciosa nas horas em frente ao computador. Obrigada por me lembrarem, diariamente, que o afeto aparece nas pequenas coisas.

À equipe do CAPS ad: Carla, Fran, Isabela, Ju, Jully, Leo, Luiza, Marco Aurélio, Mayra, Mia, Patrick, Pati, Paula e Thais: pelo espaço diário de trocas e por me desafiarem a (re)construção de olhares e manejos.

Aos bons encontros de Adamantina, minha cidade natal, representados por pessoas muito queridas: Nívea, Natália, Lucas, Dani, Mario, Estrovo, Tchawan, Carol, Márcia e tia Iside. Grata por terem acreditado em mim, pelo amor atemporal e pela recepção sempre calorosa.

Aos bons encontros da UNESP/Assis, que me fizeram florescer. “Tem gente que é feito casa”. À República Ponto G, meu primeiro (e eterno) lar universitário. À Lari Vicentini, pelas leituras vespertinas. À Lu (marida), pela transparência e familiaridade no olhar. À Emily (Hemiley), pelos longos e fraternos abraços, pelos bolos e cafés deliciosos, pelas noites de domingo e por me ensinar que as lágrimas são, em muitos momentos, a melhor forma de expressar alguns sentimentos. Seu afeto é capaz de produzir uma sensação íntima e permanente de “estar sempre por perto”. À Curcio (charááá), pela representatividade feminina, por brigar por mim e comigo, pelo posicionamento contundente, pelas “brisas” catárticas e pelo amor fraterno. Sua força me inspira e suas risadas iluminam cada queixa minha, tornando-as possibilidades de mudança (ou de pé na porta mesmo!). À Maria Rita

(piri), pela quebra de paradigmas, por ser “quase minha irmã” e por compartilhar comigo os afeto caipiras. Ao Mateus Pedro, pelas inúmeras e diversas trocas, por me aproximar da Atenção Psicossocial e por me reaproximar do vôlei - tão necessário para manter minha potência de vida. Sua coragem e indecisão (simultâneas!) são admiráveis. Ao Pedro Marangoni, melhor imitador da UNESP/Assis, seu percurso e serenidade são motor para meu caminho e de tantas(os) outras(os) pós-graduandas(os). Ao Maico, meu amigo psicanalista, pelos tantos ensinamentos e intercessões (está escutando?). Sua paciência e cuidado cotidianos me faz acreditar - cada vez mais – em uma ciência menos hierárquica e absoluta. Ao Igo, da Terra do Nunca para o mundo de Brasília, pelo protagonismo, pela luta e por sempre levar-nos a novos territórios de pensamento. À Juliana Bessa, pela parceria de anos, pelo olhar puro e sem preconceito. Grata por todo o carinho (em forma de ordem, é claro). A todas(os) aquelas(es) que fizeram parte do meu caminho na embarcação UNESP/Assis, cantoras(es), poetisas(poetas) e transeuntes: nossos encontros foram responsáveis por tornar este trabalho uma obra coletiva!

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pelo financiamento da pesquisa.

Ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia e à Seção Técnica de pós-graduação, pelo apoio acadêmico e pela paciência com minha dificuldade (resistência) em lidar com trâmites burocráticos.

Ao meu orientador, Silvio Yasui, por me fazer acreditar na potência dos coletivos e na (re)invenção das práticas. Sua história me guia a mergulhos tão ousados e me inspira, diariamente, a continuar lutando. Grata pela confiança e por todo o cuidado nesse processo!

À banca de qualificação e de defesa, Simone Mainieri Paulon e Elizabeth Maria Freire de Araújo Lima, pelas imensas contribuições a minha pesquisa. Grata pela atenção e pelo cuidado!

À professora Mary Yoko Okamoto, por me apresentar o universo da pesquisa científica e pela serenidade em me acompanhar em cada novo passo. À professora Liamar Aparecida dos Santos, pela inserção no campo das Políticas Públicas de Saúde, por meio do estágio. Grata pela confiança depositada em mim e pelo sorriso que nos trazia segurança para continuar.

Ao André Luis Leite e ao Clayton Ezequiel dos Santos, pelo espírito colaborativo e solidário a minha pesquisa.

Às(aos) usuárias(os) do CAPS ad de Ourinhos, por me proporcionarem os mais dolorosos e valiosos processos de desterritorialização de saberes. Aprendi, com vocês, que as

regras de um CAPS nunca podem ser fixas, mas são sempre (re)construídas nas relações com cada usuária(o). Aprendi, com vocês, a ser uma trabalhadora capaz de escutar os efeitos do machismo nas subjetividades. Aprendi, com vocês, que uma mesma droga pode cumprir funções distintas na vida de uma mesma pessoa. Aprendi, com vocês, a escutar o sujeito por inteiro, esquecendo-me, por vezes, de qual era “a droga de preferência”. Aprendi, com vocês, que dizer “se cuide, hein”, “espero você amanhã aqui no CAPS” é permitir-me ser atravessada pelos afetos de encontros não-neutros. Na figura de Fernando Nunes, usuário que guiou esta embarcação em muitas de suas paradas, nomeio minha gratidão a vocês, que se permitem ser afetadas(os) por nós e nos afetar (muito!). Dedico essa narrativa a todas(os) vocês, que tornaram tal mergulho possível!

Por fim (mas é sempre o começo), também dedico essa dissertação ao meu companheiro, Felipe. Pela cumplicidade, pela inspiração cotidiana, pelo apoio em cada abraço e pela paciência em todos os momentos desse mergulho tão intenso. Sua presença ao meu lado ora me proporcionava oxigênio, ora me servia de bússola para experimentar novos territórios. Meu amor, obrigada pelos risotos maravilhosos, pela escuta acolhedora, por sua potência criadora contagiante e por dividir comigo tantos sonhos.



FREIRE, Mayara Aparecida Bonora. **Notas cartográficas sobre o processo de implantação de um CAPS ad: do plano das leis ao plano dos afetos**. 2017. 101f. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Psicologia). – Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis, 2017.

## RESUMO

O presente trabalho busca narrar sobre o processo de implantação do CAPS ad (Centro de Atenção Psicossocial álcool e drogas) do município de Ourinhos, interior de São Paulo. Como dissertação de mestrado, objetiva dissertar sobre os (des)encontros dos planos que permeiam a implantação de Políticas Públicas em um território com suas singularidades, a partir das experiências diárias desta cartógrafa/trabalhadora do CAPS ad em questão, por meio dos encontros com usuárias(os) e trabalhadoras(es) do serviço, bem como pelos encontros teóricos que inspiraram essa prática. Chamamos nossos encontros de mergulhos e nosso caminho, de embarcação, instrumentalizados pela cartografia enquanto modo de fazer e olhar/sentir. Foram realizadas, nesse percurso, entrevistas, análises documentais e foram construídos diários de campo, de modo a experimentar o campo das políticas públicas e de sua efetivação. Compreendemos o desafio cotidiano de convivência entre os distintos paradigmas de cuidado direcionados ao uso de álcool e outras drogas, proibicionista e de redução de danos – ambos também presentes no plano das leis -, e defendemos, sobretudo, a (re)construção cotidiana do conceito de política enquanto arte, enquanto produção formas de existir, que possibilitem processos de singularização – e não homogeneização, como vem sendo confundido o plano das leis -, pois é na dimensão dos afetos que se efetivam (ou não) as políticas. Nossa defesa, portanto, é pelo encontro: encontro dos planos macro e micro, das leis e dos afetos, indissociáveis e necessários para a construção de formas de cuidar menos prescritivas e mais afetivas.

**Palavras-chave:** álcool e outras drogas; cartografia; plano das leis; plano dos afetos.

FREIRE, Mayara Aparecida Bonora. **Cartographic notes on the implementation process of a CAPS ad: from the plane of laws to the plane of affections**. 2018. 101 p. Dissertation (Masters Degree in Psychology). São Paulo State University (UNESP), School of Sciences, Humanities and Languages, Assis, 2018.

### **ABSTRACT**

The present work seeks to narrate about the process of Ourinhos CAPS ad implantation (Psychosocial Alcohol and Drug Attention Center), in the interior of São Paulo. As a master's dissertation, the objective is to discuss the (dis)meetings of the plans that permeate the implementation of Public Policies in a territory with its singularities, based on the daily experiences of cartographer / worker of the CAPS in question, through meetings with users and workers, as well as the theoretical encounters that inspired this practice. We call our diving encounters and our way, from vessel, instrumentalized by cartography while the way of production and look / feel. In this course, interviews, documentary analyzes and field diaries were carried out, in order to experience in the field of public policies and their effectiveness. We understand the daily challenge of coexistence between the different paradigms of care directed to the use of alcohol and other drugs, prohibition and reduction of damages - which also appears in the laws - and we defend, above all, everyday (re)construction the concept of politics as art, as production forms of existence, that enable processes of singularization - and not homogenization, how the law plan has been confused -, because it is in the dimension of the affections that the policies are effective (or not). Our defense, therefore, for the meeting: meeting of macro and micro, laws and affections, inseparable and resources to build less prescribed and more affective forms of care.

**Keywords:** alcohol and other drugs; cartography; plan of laws; plane of affections.

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

**AIDS** – Síndrome da Imunodeficiência Adquirida

**AME** - Ambulatório Médico de Especialidades

**CAPS** - Centro de Atenção Psicossocial

**CAPS ad** - Centro de Atenção Psicossocial Álcool e outras Drogas

**CAPS i** - Centro de Atenção Psicossocial Infantil

**CEP** - Comitê de Ética em Pesquisa

**CGR** - Colegiado de Gestão Regional de Saúde

**CIAPS** - Centro Integrado de Atenção Psicossocial

**CIR** - Comissão Intergestora Regional

**CNSM** - Conferência Nacional de Saúde Mental

**CNSMI** - Conferência Nacional de Saúde Mental Intersetorial

**CONAD** - Conselho Nacional de Políticas sobre Drogas (inicialmente, Conselho Nacional Antidrogas)

**CONFEN** - Conselho Federal de Entorpecentes

**CRAS** - Centro de Referência de Assistência Social

**CREAS** - Centro de Referência Especializado de Assistência Social

**CT** - Comunidade Terapêutica

**DBA** - De Braços Abertos

**DRS** - Departamento Regional de Saúde

**DST** - Doença Sexualmente Transmissível

**ESF** - Estratégia de Saúde da Família

**EAPS** - Estratégia Atenção Psicossocial

**EUA** - Estados Unidos da América

**FPISMO** - Fórum Permanente Intersetorial de Saúde Mental da Região de Ourinhos

**MCP** - Modo Capitalista de Produção

**NASF** - Núcleo de Apoio à Saúde da Família

**ONU** - Organização das Nações Unidas

**PEAD** - Plano Emergencial de Ampliação do Acesso ao Tratamento e Prevenção em Álcool e outras Drogas

**PNAD** - Política Nacional Antidrogas

**PRD** - Programa de Redução de Danos

**PTS** - Projeto Terapêutico Singular

**RAPS** - Rede de Atenção Psicossocial

**RD** - Redução de Danos

**SAMU** - Serviço de Atendimento Móvel de Urgência

**SENAD** - Secretaria Nacional Antidrogas

**SISNAD** - Sistema Nacional de Políticas Públicas sobre Drogas

**SRT** - Serviço Residencial Terapêutico

**SUAS** - Sistema Único de Assistência Social

**SUS** - Sistema Único de Saúde

**TCLE** - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

**TO** - Terapia Ocupacional

**UBS** - Unidade Básica de Saúde

**UDI** - Usuária(o) de Drogas Injetáveis

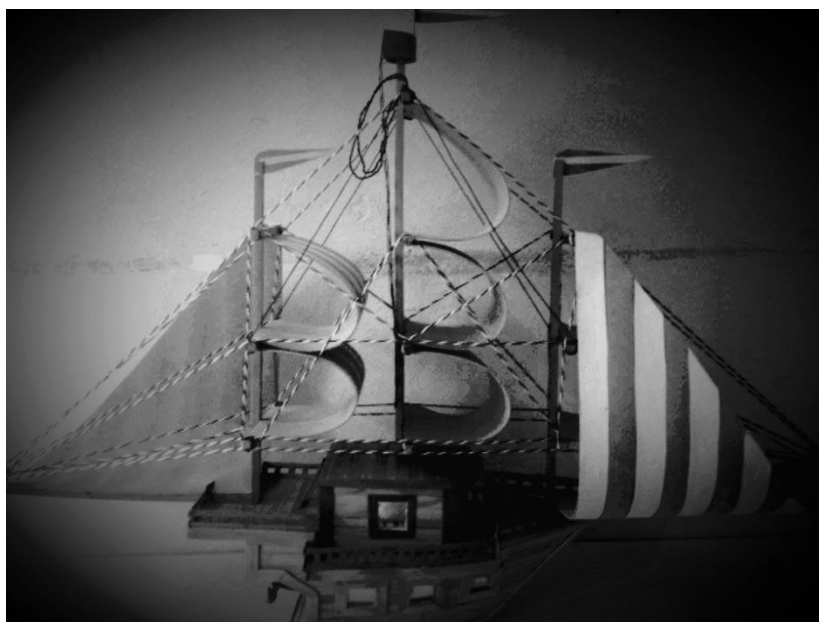
**UNESP** - Universidade Estadual Paulista

**UPA** - Unidade de Pronto Atendimento

## SUMÁRIO

<b>APRESENTAÇÃO</b> .....	14
Objetivos .....	16
O caminho metodológico .....	17
Notas sobre os movimentos.....	22
<b>MOVIMENTO I - Rastreando</b> .....	<b>24</b>
Reflexões e capturas diversas sobre Políticas Públicas .....	25
O plano das leis: uma narrativa histórico-política-cultural-ideológica .....	27
A Reforma Psiquiátrica e o cuidado ao uso de álcool e outras drogas.....	36
O que as pesquisas nos dizem sobre drogas.....	38
Mande notícias do mundo de lá, diz quem fica.....	41
<b>MOVIMENTO II – Tocando e pousando</b> .....	<b>43</b>
Território.....	43
O município e seus agenciamentos.....	44
<b>MOVIMENTO III – (Re)conhecendo</b> .....	<b>52</b>
As capturas e potências ‘pré’ plano das leis.....	53
Os (des)encontros de lógicas e planos.....	57
Os riscos do fascismo cotidiano.....	61
As redes, seus aprisionamentos e suas potências.....	65
O agenciamento de novas coreografias.....	69
Voltando para o começo caminhando nesse chão .....	72
<b>CONSIDERAÇÕES (NÃO TÃO) FINAIS</b> .....	<b>74</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	<b>76</b>

<b>ANEXOS.....</b>	<b>78</b>
Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....	81
Entrevistas.....	84



*Navio construído por Fernando, usuário do CAPS ad.*

*Embarcação que se juntou a nós.*

Um indivíduo adquire um verdadeiro nome próprio ao cabo do mais severo serviço de despersonalização, quando se abre às multiplicidades que o atravessam de ponta a ponta, às intensidades que o percorrem. (...) Falamos do fundo daquilo que não sabemos, do fundo de nosso próprio subdesenvolvimento (DELEUZE, 1992, p.15).

## APRESENTAÇÃO

Os afetos são o motor desta pesquisa. Os tantos caminhos a serem compartilhados aqui só foram possíveis por meio dos afetos desta pesquisadora em seu processo de pesquisa. Pesquisa-cotidiana, pesquisa-trabalho, pesquisa-militância, pesquisa-existência, pesquisa-cartografia. Dessa maneira, ousou chamar-me de cartógrafa, termo ao qual as(os) leitoras(os)<sup>1</sup> compreenderão em breve, ao longo do texto – ou em suas próprias cartografias diárias.

A inspiração para este trabalho advém da composição de inúmeras experimentações: pessoais, profissionais, relacionais. Certamente, essa embarcação iniciou sua jornada há muito mais que dois anos e meio.

Cresci num município pequenino, no interior do interior do estado de São Paulo, onde as raízes do campo ainda são fortes e hegemônicas. Adamantina. Lá há simplicidade e afeto. Dos tantos afetos-memórias que me chegam, lembro-me das tardes no sítio, com os pezinhos imersos nas águas da represa, assistindo aos peixes nadarem “pra lá e pra cá”. Havia em mim uma subjetividade curiosa que sempre se perguntava se de dentro da água era possível ver tão bem o movimento de cada peixe como eu via de fora. Um dia, pulei dentro da represa. Abri os olhos, mexi cada membro do meu corpo. Pude ver uma água diferente, toda bagunçada com o impacto do meu salto. Segundos depois, tudo ficou transparente de novo, mas os movimentos dos peixes já não eram os mesmos: alguns passavam tocando em meus braços e pernas; outros nadavam com a maior velocidade já vista por mim. Senti a temperatura da água, vi as pequenas bolhas de oxigênio, toquei nadadeiras e escamas. Saí correndo e voltei à casa, contando aos meus pais: “eu nadei com os peixes, quero ser uma sereia!”. Primeiro mergulho.

Chego à Psicologia não à toa: assim como as sereias, buscava a hibridez das experiências. Dentre as inúmeras viagens durante a graduação - ora na terra, ora do mar -, é imprescindível salientar a inserção no campo por meio de estágio curricular em uma Estratégia Saúde da Família (ESF) do município de Assis, com foco na Atenção Psicossocial ao uso prejudicial de álcool de outras drogas. Tal como se propõe a Política Nacional de Atenção Básica, atrevi-me a explorar o território: perambulei pelas ruas, adentrei casas,

---

<sup>1</sup> Esta primeira nota de rodapé inaugura o ato desta cartógrafa ao longo de todo o texto ao “gendrar” as palavras, ou seja, marcar os dois gêneros gramaticais. A partir da crítica ao sistema hierárquico de gênero, em que as produções femininas são invisibilizadas e/ou desqualificadas, registro aqui meu posicionamento de luta pela visibilidade das mulheres, inclusive, no universo acadêmico.



mocós<sup>2</sup> e biqueiras<sup>3</sup>, vi de perto o tráfico, a prostituição e a pobreza. Instiguei-me com as questões – psíquicas, sociais, culturais, ideológicas - que perpassam o uso de drogas e ultrapassam conceito de “dependência química”. Segundo mergulho.

Também tive a oportunidade de realizar estágio curricular no Centro Integrado de Atenção Psicossocial (CIAPS)<sup>4</sup> de Assis. Transitei da Atenção Básica para o serviço que se pretendia “especializado”. Realizava acolhimentos e atendimentos de pessoas que iam até lá, à procura de cuidado para o uso prejudicial de álcool e drogas. Me incomodava em dizer, para cada um que chegava: nos encontramos na semana que vem. Poucas (os) retornavam. Não conseguia localizar se a angústia maior era minha ou do sujeito que lá chegava. Uma semana parecia muito tempo para quem estava na fissura, numa busca por cuidado tão compulsiva quanto a busca pelo uso. Muitas internações ocorreram, pois apenas estagiárias(os) e um médico atendiam essa demanda. Jurei para mim mesma que nunca trabalharia num Ambulatório. Seria o local ou a lógica?

Ao final da graduação, o Aprimoramento Profissional em Saúde Mental e Saúde Pública possibilitou a experiência e a prática em diferentes equipamentos da Rede de Atenção Psicossocial (RAPS) do município de Cândido Mota/SP durante um ano. Neste período, mais uma vez, o cuidado ao uso de álcool e outras drogas viera ao meu encontro (ou eu que fora a seu encontro?). Dentre as ações desenvolvidas, priorizamos o contato com as(os) usuárias(os), as rodas de conversa com café na praça em que ocupavam. Era preciso conhecer, era preciso afetar-se. Num município em que a lógica ainda era higienista (“vamos mandar todas(os) moradoras(es) de rua para Assis!”), me lembro bem desta frase), resistir e continuar ocupando as ruas e as praças era prática de liberdade e de cuidado. Outro mergulho.

Ainda na experiência do Aprimoramento em Saúde Mental e Saúde Pública, houve a possibilidade de participar do projeto “Percurso Formativos na RAPS: Intercâmbios e Experiências”, com foco na linha de demandas associadas ao consumo de álcool e outras drogas. Enquanto rede visitante, passamos cerca de um mês em Uberlândia/MG, trabalhando (mesmo!) em diversos equipamentos do município, entre eles: CAPS i (Centro de Atenção Psicossocial Infantil), CAPS ad III (Centro de Atenção Psicossocial Álcool e outras Drogas), Escola de Redução de Danos e Consultório na Rua. Fora um mergulho em águas bem profundas, que multiplicaram os olhares dessa que vos escreve, enquanto sujeito e

---

<sup>2</sup> Conheci esta gíria – e outras que aparecerão ao longo do texto – logo nos primeiros contatos com o território, “ali onde a vida acontece”. Mocó significa esconderijo; refere-se também a locais os quais as pessoas em situação de rua encontram para abrigar-se.

<sup>3</sup> Biqueiras são as “bocas de fumo”, locais onde as drogas são comercializadas.

<sup>4</sup> Essa nomenclatura deve-se à união dos equipamentos CAPS e Ambulatório de Saúde Mental, especificamente no município de Assis.

trabalhadora, por meio do contato com a proposta de Redução de Danos em sua radicalidade, sobre a qual teremos oportunidade de conversar no decorrer deste trabalho.

Ao entrar no Mestrado, a “crise do paradigma” instalou-se nesta que vos fala. Refletia sobre a responsabilidade de ocupar estes lugares: pesquisadora das Ciências Humanas, “produtora” de conhecimento e analisadora do campo social. Busquei, na pós-graduação, não produzir uma verdade acadêmica, mas um conhecimento emancipatório, capaz de contribuir para a transformação social e para a invenção de brechas no cotidiano. Queria mesmo é mergulhar, assim como na lembrança da infância, perceber que observar de fora não é suficiente.

Assim, em águas nada rasas, esta mergulhadora/cartógrafa foi construindo diversos caminhos, preparando novas embarcações, até atracar em Ourinhos/SP, município com o privilégio de ser banhado por três rios. Por entre as águas dos rios Pardo, Turvo e Paranapanema, a embarcação CAPS ad nasce. Seria mais um equipamento de saúde, em um município, com a particularidade de ser um dos poucos de nossa região dedicado ao cuidado às pessoas que fazem uso prejudicial de álcool e outras drogas. Como seria esse processo? Inaugurar ações, uma lógica de cuidado? Para esta que vos fala: da pesquisa para a prática (nem sempre) criadora. Para o CAPS ad: das leis para o território; do macro para o micro.

Era preciso fazer a travessia, pois sentia a necessidade de transversalizar, não mais dicotomizar espaços, conceitos, poderes e saberes. Rolnik (1995) já nos dizia que o que nos força a pensar é o mal-estar experienciado quando forças no ambiente produzem novas combinações, gerando estranhamentos e diferenças nos estados de sensações com os quais já estávamos acostumadas(os). Assim foi: criou-se um desassossego neste corpo cartógrafo, desassossego deu início a essa narrativa. Mas que mergulho desafiador!

Por entre essas mesmas águas, nasce essa cartografia, de uma pesquisadora/trabalhadora. Vamos navegar?

### **Objetivos**

Essa dissertação busca narrar sobre o processo de implantação do CAPS ad do município de Ourinhos, identificando os pontos de captura, de tensão, bem como os pontos de invenção no contexto de implantação desde serviço que se propõe substitutivo na RAPS, almejando contribuir para o conhecimento e aprofundamento das questões relacionadas aos impasses e dificuldades de efetivação das políticas públicas de Saúde Mental para Álcool e outras Drogas.

Ademais, ao longo desta jornada, de permanente transformação, apresentou-se como objetivo a tentativa de refletir sobre a dimensão dos afetos no plano das políticas públicas, considerando a implantação de leis que considerem a produção do comum nos territórios singulares.

Por fim, a partir da construção de um conhecimento local, ousamos contribuir, também, para a (re)construção incessante de uma prática crítica das (os) trabalhadoras (es) da Atenção Psicossocial, assim como das(os) pesquisadoras(es) das Ciências Humanas, rompendo com o “abismo” ainda existente entre esses campos, herdeiro de um paradigma científico excludente e binarizante.

### **O caminho metodológico...**

“(...) caminante, no hay camino, se hace camino al andar” (MACHADO, António, 1995, p. 66)

Todas(os) a bordo desta embarcação, que ora navega sobre as águas, observando-as de maneira atenta, ora mergulha ao fundo, deixando-se atravessar pelas intensidades fluviais, percorrendo leitos, experimentando correntezas e buscando novos cursos para desaguar, encontrando-se com outras águas. Barco-submarino-engenhoca-desejante.

Para alcançar os objetivos em sua tamanha profundidade, é necessário um plano de navegação. Não por acaso, (me) encontro na cartografia. Nessa opção metodológica para “navegar”, me encontro também com Deleuze e Guattari, os quais se apropriam da cartografia, como um conceito da Geografia, para referirem-se ao traçado processual de mapas de um território existencial. Esse “jeito de fazer cartográfico” ultrapassa o mapeamento físico de determinado território, ou seja, é mais do que descrever um objeto em seu estado instituído, mas acompanhar um processo de produção e transformação, num campo de relações, afetos, de linhas de forças e agenciamentos (KASTRUP, 2007, ROMAGNOLI, 2009).

A cartografia aparece, inicialmente, como um dos princípios do rizoma; este, um sistema aberto, polimorfo, sem definição clara e definida, composto por diferentes linhas: de segmentaridade, de estratificação, de fuga, ou de desterritorialização.

Um rizoma não começa nem conclui, ele se encontra sempre no meio, entre as coisas, inter-ser, intermezzo. A árvore é filiação, mas o rizoma é aliança, unicamente

aliança. A árvore impõe o verbo "ser", mas o rizoma tem como tecido a conjunção "e... e... e..." (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 36).

Seus princípios remontam, portanto, suas características, pois, como haste subterrânea, o rizoma é distinto das raízes e radículas. O primeiro e o segundo são os princípios de conexão e de heterogeneidade: diferente da árvore ou da raiz as quais fixam um ponto, uma ordem, qualquer ponto do rizoma pode ser conectado a qualquer outro e deve sê-lo, havendo constantes conexões de cadeias semióticas, conexões de poder, acontecimentos que remetem às lutas sociais, às ciências, à arte. O terceiro princípio, o de multiplicidade, possui características particulares: não possui sujeito ou objeto, apenas determinações, grandezas, dimensões que não podem crescer sem que mude de natureza. O quarto princípio é o de ruptura a-significante: um rizoma pode sofrer um rompimento, uma ruptura, uma quebra, mas isso não significa seu fim, pois ele retoma seu crescimento segundo uma ou outra de suas linhas ou segundo outras linhas. O quinto e sexto princípios são os de cartografia e de decalcomania: enquanto o decalque injeta e propaga redundâncias, o mapa volta-se para experimentações, tem múltiplas entradas, é feito de linhas, suscetível de modificações constantes.

Ao tornar-se um método de pesquisa-intervenção, aparecendo como um novo modo de produção de conhecimento a partir de uma estratégia flexível de análise crítica, a cartografia propõe a reinvenção constante do campo por meio das experimentações, sensações, percepções e afetos no encontro do pesquisador com seu campo (ROMAGNOLI, 2009; ZAMBEDENETTI; SILVA, 2011). O mapa, para a cartografia, nunca é estático:

(...) o mapa é aberto, é conectável em todas as suas dimensões, desmontável, reversível, suscetível de receber modificações constantemente. Ele pode ser rasgado, revertido, adaptar-se a montagens de qualquer natureza, ser preparado por um indivíduo, um grupo, uma formação social (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p.22).

Conhecer, portanto, não é representar uma realidade preexistente, mas um processo de invenção de si e do mundo, processo este que possui consequências políticas. Caminhamos com o objeto, constituímos este caminho, nos constituímos neste caminho (PASSOS, BARROS, 2009a). A história deixa de ser uma ocorrência linear e cronológica de fatos (ZAMBEDENETTI; SILVA, 2011), pois o conhecimento torna-se um trabalho de invenção.

Toda experiência cartográfica acompanha processos, mais do que representa estados de coisa; intervém na realidade, mais do que a interpreta; monta dispositivos, mais do que atribui a eles qualquer natureza; dissolve o ponto de vista dos observadores, mais do que centraliza o conhecimento em uma perspectiva identitária e pessoal. O método da cartografia implica também a aposta ético-política em um modo de dizer que expresse processos de mudança de si e do mundo (PASSOS; KASTRUP; ESCÓSSIA, 2009, p.169).

A cartografia não pretende revelar, dar respostas ou explicar, mas - como uma potência nômade -, problematizar, falar aquilo que não se escuta na esfera do já sabido, de modo que o conhecimento surge como composição. Enquanto estratégia, ao invés de isolar o objeto, visa “desenhar a rede de forçar à qual o objeto ou fenômeno em questão se encontra conectado, dando conta de suas modulações e seu movimento permanente” (Idem, 2009, p.59). Enquanto caminho de pesquisa, possui um rigor ético/estético/político:

Ético porque não se trata do rigor de um conjunto de regras tomadas como um valor em si (um método), nem de um sistema de verdades tomadas como valor em si (um campo de saber): ambos são de ordem moral. O que estou definindo como ético é o rigor com que escutamos as diferenças que se fazem em nós e afirmamos o devir a partir dessas diferenças. As verdades que se criam com este tipo de rigor, assim como as regras que se adotou para criá-las, só têm valor enquanto conduzidas e exigidas pelas marcas. Estético porque este não é o rigor do domínio de um campo já dado (campo de saber), mas sim o da criação de um campo, criação que encarna as marcas no corpo do pensamento, como numa obra de arte. Político porque este rigor é o de uma luta contra as forças em nós que obstruem as nascentes do devir (ROLNIK, 1993, p. 247-248).

Rastreando, tocando, pousando, reconhecendo<sup>5</sup>. Meus instrumentos de produção de dados foram diversificados, de modo que, no decorrer do percurso, os encontros solicitavam diferentes formas de produção do conhecimento, assim como o próprio tema desta narrativa se construiu ao longo da pesquisa – multiplicou-se, multiplicou-me transformou-se, transformou-me! Essa processualidade certamente será notada ao longo de nossa jornada, cujas características se alternarão em momentos mais descritivos, em outros mais livres e, ainda, aqueles que, numa prática contada, desterritorializam-se e criam novos territórios ao processo de “fazer ciência”, com fins de romper com a dualidade *saber-fazer, teoria-prática*.

Falo, portanto, de dentro de uma experiência<sup>6</sup>, ou melhor, de dentro de várias experiências. Realizei levantamentos bibliográficos, análises de documentos, entrevistas e,

<sup>5</sup> KASTRUP, V. O Funcionamento da Atenção no trabalho do Cartógrafo. **Psicologia & Sociedade**, Porto Alegre, v. 19, n. 1, Abr. 2007.

<sup>6</sup> O conceito de experiência no qual me inspiro advém da compreensão de Benjamin (1987). *Erfahrung* (experiência) difere de *Erlebnis* (vivência), pois é matéria da tradição, “constitui-se menos a partir de dados

sobretudo, lancei mão das experimentações enquanto psicóloga trabalhadora deste CAPS ad, as quais foram registradas em diários de bordo.

Os documentos acessados tratam-se de pesquisas relacionadas ao tema, a partir da busca de algumas palavras-chave: álcool e outras drogas; redução de danos; políticas públicas, CAPS ad, cartografia. Explorei também diversas legislações que pautam o tema de álcool e outras drogas, seja no âmbito criminal ou no âmbito de “cuidado”, em suas diversas formas de compreensão.

Foram realizadas quatro entrevistas<sup>7</sup> a informantes-chave, que aparecerão ao longo deste trabalho e serão anexadas na íntegra ao fim do texto. As(os) informantes foram eleitas(os) a partir de seu envolvimento com o processo de implantação do CAPS ad no município, assim como com o cuidado em álcool e outras drogas nos diferentes espaços. D. é psicóloga, trabalhou no Ambulatório de Saúde Mental de Ourinhos, há alguns anos, participou ativamente da construção do projeto do CAPS ad, assim como realizava grupos com familiares de pessoas usuárias de álcool e outras drogas. R. é psicóloga, também participou da construção projeto do CAPS e de sua implantação. M.A é enfermeiro, foi coordenador do CAPS ad desde sua implantação e trabalhou, anteriormente, no Hospital de Saúde Mental de Ourinhos, na ala de “dependência química”. Por fim, M.E é também psicóloga do CAPS ad que, antes da implantação deste serviço, atendeu por anos usuárias(os) de álcool e outras drogas no Ambulatório de Saúde Mental.

No tocante aos diários de campo, tal modalidade foi eleita porque representa uma forma de narrar uma história e, assim como os mapas, as histórias são uma forma de organizar as lembranças, os afetos... São, também, uma forma de nos definir em todo o percurso. Cartógrafa-navegante, mergulhadora-cartógrafa. Os diários foram construídos, então, a partir de experiências cotidianas observadas por olhos-retinas, mas, sobretudo, sentidas por um corpo vibrátil (ROLNIK, 2014), que consegue captar muito mais do que nosso olho pode ver, pois alcança o invisível, é sensível aos efeitos dos encontros dos corpos e suas reações, sendo tomado por uma mistura de afetos, os quais pedem passagem a esta aspirante a cartógrafa.

Vale um pequeno interstício para partilhar uma construção conceitual realizada em um encontro de orientação. Conversávamos sobre a minha dificuldade na escrita dos diários de campo. Sentia que, em alguns momentos, as palavras não davam conta de representar aquilo

---

isolados rigorosamente fixados na memória, e mais a partir de dados acumulados, muitas vezes não conscientes, que afluem à memória”. Experiência de corpo, percurso encarnado.

<sup>7</sup> A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Faculdade de Ciências de Letras – UNESP Campus de Assis. As(os) entrevistadas(os) assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), que está inserido como anexo desta dissertação.

que por mim fora sentido. Em outras ocasiões, escrevia já num processo reflexivo, sob esta dificuldade de ser parte de um processo de construção de conhecimento, ser sujeito transformador e transformado. Compartilhava também sobre o mergulho que realizei, com certa dificuldade, por – muitas – vezes, em retornar à tona, respirar e olhar para o mar de linhas que me atravessavam. Senti que o desafio de ser uma trabalhadora que se ousa cartógrafa estava posto: poder entrar e sair deste lugar, poder implicar-se em uma prática, mas não alienar-se. De pronto, meu orientador sugeriu-me a leitura de um artigo, cujo objeto de discussão é a (sobre)implicação das(os) trabalhadoras(es) da Saúde Mental<sup>8</sup>. Também indicou que eu insistisse no registro de minhas sensações, experiências, angústias e potências em meus “diários de corpo”. Corrigiu: “diários de campo”. Talvez tenha sido um lapso cometido por ele, mas, para mim, fizera todo o sentido naquele momento. Linha de criação Silvio Yasui.

Os registros construídos nada mais são registros de um corpo que sente e se insere no cotidiano de trabalho. São diários de um campo, mas também de um corpo, que está neste campo. De um corpo não neutro, de um corpo vibrátil. Diário de um corpo, de um corpo diário, que escreve, se escreve e se inscreve num processo de construção de conhecimento e de produção de cuidado diário, cotidiano. Corpo diário, no qual se inscreveram sensações, impressões, multidões.

Portanto, se falamos de uma escrita que valoriza a narrativa dos sujeitos de pesquisa, falamos, ao mesmo tempo, de uma forma de pesquisar que valoriza o sujeito (PASSOS, BARROS, 2009). A ciência, neste sentido, diz de um conhecimento singular e, ao mesmo tempo, coletivo, construído por meio de encontros – positivos e negativos. Corpo que sente, corpo que se deixa atravessar.

Essa narrativa é realizada, nominalmente, por esta autora. Entretanto, é construída, de fato, por muitas(os) outras(os) autoras(es) com as(os) quais me encontrei ao longo da jornada, ao longo de uma vida. Cartógrafa que sou, me permiti a tantas multiplicidades que nem cabem numa bibliografia. Familiares, trabalhadoras(es) da Atenção Psicossocial, poetas e poetisas, músicas(os), filósofas(os), psicanalistas, usuárias(os) das Políticas Públicas, mestres, professoras(es), psicólogas(os), amigas(os). Como uma espécie de bricolagem, faço (sou) uma composição de pessoas, de subjetividades, as quais tomam forma num texto, que não se pretende permanente, mas se constrói a cada nova passagem de olhos – estrangeiros ou não. Tal multiplicidade justifica a variação gramatical recorrente de primeira pessoa do singular à

---

<sup>8</sup> VASCONCELOS, M. F. F.; PAULON, S. M. Instituição militância em análise: a (sobre)implicação de trabalhadores na Reforma Psiquiátrica Brasileira. **Psicologia & Sociedade**; 26(n. spe.), 2014, 222-234.

primeira pessoa do plural. Não se trata, no entanto, apenas de uma reprodução numérica daquilo que já é dito - embora a vida acadêmica muitas vezes nos conduza a tal fardo -, mas da criação de novos itinerários a partir de tantos encontros. Deleuze e Guattari (1997) já explicitavam a valiosa distinção entre reproduzir e seguir:

(...) Reproduzir implica a permanência de um ponto de vista fixo, exterior ao reproduzido: ver fluir, estando na margem. Mas seguir é coisa diferente (...). Somos de fato forçados a seguir quando estamos a procura das ‘singularidades’ de uma matéria ou material e não tentando descobrir uma forma; (...) quando nos engajamos na variação contínua das variáveis, em vez de extrair delas constantes (p. 39).

A embarcação nos chama.

Dos tantos planos que atravessaremos, é imprescindível que já realizemos um prelúdio. O plano “macro” é a política do plano dos territórios, dos mapas, das linhas de organização. É visível, finita, captável ao nosso olho-retina. Aqui, “individualização forma unidades e a multiplicidade, totalizações” (ROLNIK, 2014, p.60). Nessa narrativa, este plano aparecerá, sobretudo, por meio do plano das leis. O plano “micro”, por sua vez, é aquele gerado pela linha dos afetos, da cartografia. É mais um pedaço de imanência, em que não há unidades, apenas intensidades. É também recomposto pelos sujeitos e pelas coletividades. Assim como um rizoma, não tem centro, não tem periferia.

Assim como esta narrativa, não tem centro, não tem periferia. É composta de movimentos.

### **Notas sobre os movimentos...**

Rastreando, tocando, pousando, reconhecendo. Segundo Kastrup (2007), estes são os quatro gestos de posicionamento da atenção da(o) cartógrafa(o), de modo que esta deve ser aberta e sem foco definido, se desdobrando na qualidade do encontro. Rastreando, tocando, pousando, reconhecendo. Foram estes também os títulos de nossos Movimentos, a nível de divisão didática da narrativa. Vale destacar que os gestos – e os movimentos – não ocorreram de maneira linear, progressiva; apenas estão assim colocados para melhor organização do texto. Caminhamos com o objeto: para frente, para trás, para diagonal, para os lados... Constituímos este caminho, nos constituímos neste caminho.

No Movimento I, *Rastreando*, navegamos pelo plano macro, ou seja, pelo plano das leis, iniciando algumas reflexões sobre as Políticas Públicas e discorrendo pela história das Políticas Públicas direcionadas ao cuidado – e à repressão – do uso prejudicial de álcool e outras drogas. Nossa embarcação, neste primeiro Movimento, nos permite percorrer os



diferentes paradigmas associados a este tema - desde o proibicionismo à redução de danos -, bem como a convivência destes olhares em nosso contexto atual.

No Movimento II, *Tocando e Pousando*, atracamos especificamente no município de Ourinhos, para acompanhar sua história, seu cotidiano. Ainda no plano macro, realizamos a descrição da rede municipal, bem como do histórico de cuidado ao uso prejudicial de álcool e outras drogas, considerando as informações compartilhadas conosco e os documentos acessados. Pousamos e compomos com a embarcação CAPS ad, que nasce no meio deste percurso.

No Movimento III, *(Re)conhecendo*, lançamos mão das análises das vivências desta mergulhadora/trabalhadora, narrando os desafios, potências e tensões no processo de construção de um serviço que se pretende emancipatório, e refletindo sobre a efetivação – ou não – do plano das leis neste plano micro, o plano dos afetos. Dividimos este movimento em outros movimentos, os quais se relacionam também aos movimentos da embarcação CAPS ad e, conseqüentemente, aos movimentos da pesquisa.

Como (quase) todo texto acadêmico exige uma conclusão ou suas considerações finais, nos rendemos à estrutura e realizamos considerações (não tão) finais, nas quais buscamos mais questões do que respostas, à medida que pautamos a importância da reconstrução diária do conceito de política enquanto arte, enquanto ato, bem como a renovação e a (re)criação de sentidos. Defendemos, assim, a formulação de políticas que circulem a dimensão dos afetos e que, portanto, nunca estão prontas.

## CONSIDERAÇÕES (NÃO TÃO) FINAIS

Que foi feito de tudo isso? Quem encontra ainda pessoas que saibam contar histórias como elas devem ser contadas? Que moribundos dizem hoje palavras tão duráveis que possam ser transmitidas como um anel, de geração em geração? Quem é ajudado, hoje, por um provérbio oportuno? Quem tentará, sequer, lidar com a juventude invocando sua experiência? (BENJAMIN, 1987, p.114)

Ao final dessa narrativa, sinto-me como a moribunda mencionada por Benjamin (1987), honrada em afirmar o quanto cresci e aprendi com outras gerações, com histórias contadas a partir de experiências de outros corpos encarnados. As leis que possuímos hoje, de alguma forma, contam trajetórias de muitos afetos, de nossos heróis e heroínas. Muitas dessas pessoas ainda vivem; suas histórias ainda não acabaram...

Portanto, inspirada por estes heróis e heroínas, no âmbito da minha experiência nesta humilde cartografia, ousou narrar uma história e deixá-la em suspenso. Trata-se de uma tentativa de transmissão, de compartilhamento de um percurso tão solitário como a pós-graduação e tão coletivo como a experiência no CAPS ad. Nenhum saber é absoluto!

*Data: 16/04/2017*

*Desde o início deste percurso, me preparo para uma mudança, geográfica, afetiva, territorial.*

*Em breve, estarei me mudando de casa pela quarta vez em dois anos. Por isso, estava encaixotando nossos livros – ah, quantos livros, quantas histórias e quantos encontros contidos ali dentro! Pego uma caneta colorida e me dirijo para a grande caixa, com o objetivo de identificá-la no meio de tantas outras. Olho para o meu companheiro e digo: “Vou deixar escrito, mas não vou fechar”. Ele me vira atentamente, com um olhar complacente, de concordância, mas de quem vê muito mais nisso tudo...*

*Vou deixar escrito, mas não vou fechar...*

Deixo escrita, assim, a minha defesa pelo desafio necessário - e insuperável - da coexistência entre macro e micropolítica, as quais, embora distintas, são indissociáveis na produção da realidade psicossocial. Deixo registrada, ainda, a luta diária pela produção de agenciamentos de singularização que trabalhem, ao mesmo tempo, por uma sensibilidade estética, pela mudança da vida num plano mais cotidiano, bem como pelas transformações sociais, no plano macro, de construção de leis (GUATTARI, ROLNIK, 1986).

Defendo, também, a reconstrução diária deste conceito de política enquanto arte, enquanto ato, renovação e (re)criação de sentidos. Sabemos que, enquanto não atingirmos o plano

dos afetos e estiver apenas num plano cognitivo, documental, a política não se efetivará. Da mesma maneira, enquanto não for reconhecida enquanto lei, pela máquina Capitalista, não poderá multiplicar-se e até mesmo, transmutar-se. A formulação de uma política deve estar sempre do gerúndio (BORGES, BAPTISTA, 2008), assim como nosso “CAPS acontecendo”.

Invoco o atrevimento necessário em nosso chão cotidiano para assumirmos a provisoriidade de nossas práticas e arranjos. Embora o uso de álcool e outras drogas apresente a repetição com um de seus principais sintomas, não sejamos tão teimosas(os) quanto nossas(os) usuárias(os). Se propomos, quase que num discurso automático, a ampliação de seus repertórios simbólicos, por que não operar isso em nossa própria prática? Experimentemos!

Mantenho aqui, várias interrogações (conclusões não precisam ter sempre pontos finais), mas afirmo a urgência de retomada compromisso ético da Atenção Psicossocial, que ouse repensar as Políticas Públicas que temos, mesmo em tempos tão sombrios e de ameaça às conquistas. Em uma luta não apenas pela manutenção dos CAPS, mas pelo resgate da potência do paradigma que deu origem a estes. Sejam transgressoras(es)!

Em um cenário de águas nada calmas, tempestades e névoa, nossas engenhocas precisam se movimentar para sobreviver. Em meio aos dissensos, é tempo de romper hábitos e constituir novos processos de subjetivação, novas formas de existência. Nesse chão ético-estético-político, ousemos questionar algumas certezas e experimentar suas rachaduras!

É justamente este o desafio com que hoje nos confrontamos, o desafio de inventar instituições pós-soberanas, políticas públicas que operem como tecnologias não inscritas nessa ordem de determinação da realidade e dos processos constituintes que a fazem advir. Compromisso ético necessariamente atinente à produção do comum, ou melhor, ao desafio de libertá-lo dos limites ontológicos impostos na relação de soberania. Afinal, a radicalidade do sentido da política é a liberdade, liberdade de produção do novo (GUIZARDI; CAVALCANTI, 2009, p.121).

Histórias devem ser respeitadas e lembradas. Contudo, que tenhamos coragem para transformá-las e criar novas coreografias!

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARENDDT, H. **O que é política?** 3ª Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

ARENDDT, H. **A Condição Humana.** 10ª Ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007

ARENDDT, H. **Eichmann em Jerusalém: um relato sobre a banalidade do mal.** São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

ALVES, V. S. Modelos de atenção à saúde de usuários de álcool e outras drogas: discursos políticos, saberes e práticas. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 25, n. 11, p. 2309-2319, Nov. 2009.

ANDRADE, T. M. de. Reflexões sobre políticas de drogas no Brasil. **Ciênc. saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 12, p. 4665-4674, Dez. 2011.

BASTOS, F. I.; BERTONI, N. (org). **Pesquisa Nacional sobre o uso de crack: quem são os usuários de crack e/ou similares do Brasil? Quantos são nas capitais brasileiras?** Rio de Janeiro: Editora ICICT/FIOCRUZ, 2014.

BENJAMIN, W. Experiência e Pobreza. In: **Mágia e Técnica, Arte e Política.** Traduzido por Paulo Sérgio Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1987.

BENEVIDES, R.; PASSOS, E. Clínica, política e as modulações do capitalismo. **Lugar comum**, v.19, n.20, 2009, p.159-171.

BRASIL. Presidência da República. Secretaria Nacional Antidrogas. **Política Nacional Antidrogas.** Brasília: Presidência da República, Gabinete de Segurança Institucional, Secretaria Nacional Antidrogas, 2001.

BRASIL. Ministério da Saúde. Sistema Único de Saúde. Conselho Nacional de Saúde. **Relatório Final da III Conferência Nacional de Saúde Mental.** Brasília: 2002.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Portaria GM nº336 de 19 de fevereiro de 2002.** Estabelece CAPS I, CAPS II, CAPS III, CAPS i II e CAPS ad II. Brasília: Ministério da Saúde, 2002.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria Executiva. Secretaria de Atenção à Saúde. Coordenação Nacional DST/AIDS. **A política do Ministério da Saúde para a atenção integral a usuários de álcool e outras drogas.** Brasília: Ministério da Saúde, 2003 a.

BRASIL. **Reforma psiquiátrica e política de saúde mental no Brasil.** Documento apresentado à Conferência Regional de Reforma dos Serviços de Saúde Mental: 15 anos depois de Caracas. OPAS. Brasília: Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Coordenação Geral de Saúde Mental, 2005b.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Portaria GM nº 1.190 de 19 de 04 de junho de 2009.** Institui o Plano Emergencial de Ampliação do Acesso ao Tratamento e Prevenção em Álcool e outras Drogas no Sistema Único de Saúde - SUS (PEAD 2009-2010) e define suas diretrizes gerais, ações e metas. Brasília: Ministério da Saúde, 2009.

BRASIL. Ministério da Saúde. Sistema Único de Saúde. Conselho Nacional de Saúde. **Relatório Final da IV Conferência Nacional de Saúde Mental - Intersectorial**. Brasília: 2010.

BRASIL. Presidência da República. **Decreto nº 7.179 de 20 de maio de 2010**. Institui o Plano Integrado de Enfrentamento ao Crack e outras Drogas, cria o seu Comitê Gestor, e dá outras providências. Diário Oficial da União, 2010.

BRASIL. Portal Brasil. **Crack, é possível vencer: enfrentar o crack; compromisso de todos**. Governo Federal, 2011.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Portaria n. 3.088, de 23 de dezembro de 2011**. Institui a Rede de Atenção Psicossocial para pessoas com sofrimento mental e com necessidades decorrentes do uso de crack, álcool e outras drogas, no âmbito do Sistema Único de Saúde (SUS). Brasília: Ministério da Saúde, 2011.

BRASIL. Presidência da República. **Lei 11.343, de agosto de 2006**. Institui o Sistema Nacional de Políticas Públicas sobre Drogas (SISNAD); prescreve medidas para prevenção do uso indevido, atenção e reinserção social de usuários e dependentes de drogas; estabelece normas para repressão à produção não autorizada e ao tráfico ilícito de drogas; define crimes e dá outras providências. Brasília: Casa Civil, 2006.

CARVALHO, S. de. **A política Criminal de drogas no Brasil: do discurso oficial às razões de descriminalização**. Rio de Janeiro: Luam, 1996.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Relatório da 4ª Inspeção Nacional de Direitos Humanos: locais de internação para usuários de drogas**. Brasília: CFP, 2011.

COSTA-ROSA, A. da. Modos de Produção das Instituições na Saúde Mental Coletiva: efeitos na terapêutica e na ética. Ou a subjetividade capitalística e a Outra. In: COSTA-ROSA, A. da. **Atenção Psicossocial além da Reforma Psiquiátrica: contribuições a uma Clínica Crítica dos processos de subjetivação na Saúde Coletiva**. São Paulo: Editora Unesp, 2013, p. 23-54.

COSTA-ROSA, A. da. A Estratégia Atenção Psicossocial: Novas Contribuições. In: COSTA-ROSA, A. da. **Atenção Psicossocial além da Reforma Psiquiátrica: contribuições a uma Clínica Crítica dos processos de subjetivação na Saúde Coletiva**. São Paulo: Editora Unesp, 2013, p. 91-118.

CUELLAR, E. B. Un sentimiento de belleza interna al “sentir” que se está colaborando con procesos de limpieza social. In: CUELLAR, E. B. **Estética de lo atroz: Psicohistoria de la Violencia política em Colombia**. Bogotá: Ediciones Cátedra Libre, 2011, p. 67-78.

DELEUZE, G. **Conversações**. São Paulo: Ed. 34, 1992.

DELEUZE, G. Porcelana e Vulcão. In: DELEUZE, G. **Lógica do Sentido**. São Paulo, Perspectivas, Ed. da Universidade de São Paulo, 1974, pp. 157-166.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil platôs: Capitalismo e esquizofrenia**. Volume 1. São Paulo: Editora 34, 1995.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil platôs: Capitalismo e esquizofrenia**. Volume 3. São Paulo: Editora 34, 2012.

ESCÓSSIA, L.; KASTRUP, V. O conceito de coletivo como superação da dicotomia indivíduo-sociedade. **Psicologia em Estudo**, 10(2), 295-304, 2005.

FARINA, C. Arte e formação: uma cartografia da experiência estética atual. In: **REUNIÃO ANUAL DA ANPED. Anais**. Caxambu, 2008, p.1-16.

FOUCAULT, M. O Anti-édipo: uma introdução à vida não-fascista. **Cadernos de Subjetividade**. Núcleo de Estudos e Pesquisas da Subjetividade do Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica da PUC-SP. – v. 1, n. 1, pp. 197-200. São Paulo, 1993.

GUATTARI, F. **Caosmose: um novo paradigma estético**. São Paulo, Ed. 34, 1992.

GUATTARI, F.; ROLNIK, S. **Micropolítica. Cartografias do desejo**. Petrópolis: Vozes, 1986.

GUIZARDI, F.; CAVALCANTI, F.. Por um mundo democrático produzido democraticamente (ou: o desafio da produção do comum): contribuições a partir da experiência do Sistema de Saúde Brasileiro. **Lugar Comum**, Rio de Janeiro, n. 27, pp. 103-123, 2009.

KASTRUP, V. O Funcionamento da Atenção no trabalho do Cartógrafo. **Psicologia & Sociedade**, Porto Alegre, v. 19, n. 1, Abr. 2007.

LANCETTI, A. **Contrafissura e Plasticidade Psíquica**. 1ª Ed. São Paulo: Hucitec, 2015.

LANCETTI, A. A droga da mídia: Mais do que não se saber o que fazer com o crack, não se sabe falar dele. **Brasileiros**, 2011, pp. 136-137.

LARANJEIRA R. *et al.* **II Levantamento Nacional de Álcool e Drogas**. Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia para Política. Públicas do Álcool e outras Drogas – INPAD/UNIFESP, 2014.

LEPECKI, A. Coreopolítica e coreopolícia. **Ilha**, v. 13, n. 1, p. 41-60, jan./jun. (2011) 2012.

LIMA, D. B. de. **O espaço fórum como apoio na formação da rede intersetorial regional em saúde mental: desafios e potencialidades**. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Ciências e Letras, Assis, 2013.

LIMA, E. M. F. de A.; YASUI, S. Territórios e sentidos: espaço, cultura, subjetividade e cuidado na atenção psicossocial. **Saúde debate**, Rio de Janeiro, v. 38, n. 102, pp. 593-606, 2014.

MACHADO, A. **Antología Poética**. Madrid: Alianza, 1995.

MACHADO, A. R. **Uso prejudicial e dependência de álcool e outras drogas na agenda da saúde pública: um estudo sobre o processo de constituição da política pública de saúde**

**do Brasil para usuários de álcool e outras drogas.** Dissertação de mestrado em Saúde Pública, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006.

MINAYO, M. C. S. Sobre a toxicomania da sociedade. In: BAPTISTA, M. et al (orgs). **Drogas e pós-modernidade.** Rio de Janeiro: EdUERJ, 2003.

NERY FILHO, A. *et al* (org.). **As drogas na contemporaneidade: perspectivas clínicas e culturais.** EDUFBA, 2012.

OLIVEIRA, I. F. de; AMORIM, K. M. de. O. Psicologia e política social: o trato da pobreza como “sujeito psicológico”. **Psicologia Argumento**, Curitiba, v. 30, n. 70, p.559-566, 2012.

OLIVEIRA, I. F. de et al . O psicólogo nas unidades básicas de saúde: formação acadêmica e prática profissional. **Interações**, São Paulo, v. 9, n. 17, p. 71-89, 2004.

PASSOS, E.; BENEVIDES, R. A humanização como dimensão pública das políticas de saúde. **Ciência e Saúde Coletiva**, 10(3): 561-571, 2005.

PASSOS, E; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. **Pistas do método da cartografia: pesquisa intervenção e produção da subjetividade.** Porto Alegre. Ed. Sulina, 2009.

PELBART, P. P. **Vida capital: ensaios de biopolítica.** São Paulo: Ed. Iluminuras, 2003.

ROLNIK, S. **Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo.** 2ª Ed. Porto Alegre: Sulina, 2014.

ROLNIK, S. **Ninguém é deleuziano.** Entrevista a Lira Neto e Silvio Gadelha, publicada com este título in O Povo, Caderno Sábado: 06. Fortaleza, 18/11/95; com o título “A inteligência vem sempre depois” in Zero Hora, Caderno de Cultura. Porto Alegre, 09/12/95; p.8; e com o título “O filósofo inclassificável” in A Tarde, Caderno Cultural: 02-03. Salvador, 09/12/95.

ROLNIK, S. Pensamento, corpo e devir: Uma perspectiva ético/estético/política no trabalho acadêmico. Palestra proferida no concurso para o cargo de Professor Titular da PUC/SP, realizado em 23/06/93. **Cadernos de Subjetividade**, v.1 n.2: 241-251. Núcleo de Estudos e Pesquisas da Subjetividade, Programa de Estudos Pós Graduated de Psicologia Clínica, PUC/SP. São Paulo, set./fev. 1993.

ROMAGNOLI, R. C. A cartografia e a relação pesquisa e vida. **Psicologia & Sociedade**, Florianópolis, v. 21, n. 2, p. 166-173, 2009.

RUI. T.; FIORE, M.; TÓFOLI, L.F. Pesquisa **preliminar de avaliação do Programa ‘De Braços Abertos’.** Plataforma Brasileira de Política de Drogas (PBPD) / Instituto Brasileiro de Ciências Criminais (IBCCRIM). São Paulo, 2016.

SANTOS, B. de S. **A crítica da razão indolente: contra o desperdício da experiência.** São Paulo: Cortez, 2002.

SANTOS, M. **Território e sociedade. Entrevista com Milton Santos.** São Paulo: Perseu Abramo, 2000.

\_\_\_\_\_. O território do dinheiro e da fragmentação. In: \_\_\_\_\_. **Por uma outra globalização**. 7. Ed. Rio de Janeiro: Record, 2001. p.79-116.

SANTOS, C. E.; YASUI, S. Muito além do Caps AD: o cuidado no território e na vida. In: **Entre pedras e fissuras: a construção da atenção psicossocial de usuários de drogas no Brasil**. SOUZA, A. C. de; SOUZA, L. F.; SOUZA, E. O. de; ABRAHÃO, A. L. [orgs.]. 1ª Ed. São Paulo: Hucitec, 2016

SANTOS, Y. F. dos. **O ambulatório de saúde mental no contexto da reforma psiquiátrica em Natal/RN**. Dissertação de Mestrado em Psicologia, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN. Natal, RN, 2007.

SOARES, L. E. Un diálogo imaginario (pero probable) sobre un cambio de la política de drogas en Brasil, **Nueva Sociedad**. n. 222, julio-agosto de 2009.

SOARES, L. E. **Contra a drogafobia e o proibicionismo: dissipação, diferença e o curto-circuito da experiência**. Palestra na abertura da conferência que celebra os 58 anos da FIOCRUZ. Set, 2012.

SOUZA, J. (org). **Crack e exclusão social**. Brasília: Ministério da Justiça e Cidadania, Secretaria Nacional de Política sobre Drogas, 2016.

TEDESCO, S.; PECORATO, L. O conceito de normatividade e a perspectiva da Redução de Danos: uma proposta para a atenção à saúde do usuário de drogas. In: **Entre pedras e fissuras: a construção da atenção psicossocial de usuários de drogas no Brasil**. SOUZA, A. C. de; SOUZA, L. F.; SOUZA, E. O. de; ABRAHÃO, A. L. [orgs.]. 1ª Ed. São Paulo: Hucitec, 2016

VASCONCELOS, M. F. F.; PAULON, S. M. Instituição militância em análise: a (sobre)implicação de trabalhadores na Reforma Psiquiátrica Brasileira. **Psicologia & Sociedade**; 26(n. spe.), 2014, 222-234.

YAMAMOTO, O. H; OLIVEIRA, I. F. de. Política Social e Psicologia: uma trajetória de 25 anos. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**. Brasília, v. 26, n. spe, p. 9-24, 2010.

YASUI, S. **Rupturas e encontros: desafios da Reforma Psiquiátrica Brasileira**. Tese de Doutorado em Saúde Pública, Escola Nacional de Saúde Pública da Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2006.

YASUI, S. **Vestígios, desassossegos e pensamentos soltos: atenção psicossocial e a reforma psiquiatria em tempos sombrios**. Assis, 2016.

YASUI, S.; COSTA-ROSA, A. A Estratégia Atenção Psicossocial: desafio na prática dos novos dispositivos de Saúde Mental. **Saúde em Debate**, v. 32, p. 27-37, 2008.

ZAMBEDENETTI, G.; SILVA, R. A. N. da. Cartografia e Genealogia: aproximações possíveis para a pesquisa em psicologia social. **Psicologia & Sociedade**, Florianópolis, v. 23, n. 3, Dez. 2011.